

VII JORNADA DE ESTUDOS
EM POESIA PORTUGUESA
MODERNA E CONTEMPORÂNEA
HOMENAGEM A DANIEL FARIA

21 E 22 DE JUNHO DE 2017



PROGRAMAÇÃO & CADERNO DE RESUMOS



Queria ter a posição dos claustros
A posição do monge antigo que os varre
A posição do moribundo que pergunta as horas
A posição das árvores quando as crianças sobem
A posição dos ramos quando os ninhos nascem
A posição de alguém que já não mora. Queria
Como se tivesse
A posição da casa e alguém me visitasse

Daniel Faria

PROGRAMAÇÃO

Dia 21/06

Conferência

19h

Auditório 2003 (FALE)

Viviane Cunha

A figura da malmaridada no cancionero românico medieval

Mesa 1

Que a mão escreva na língua o que a língua há-de cantar: Daniel Faria

20h50

Auditório 2003 (FALE)

Erick Gontijo Costa

Uma pedra fechada pelo lado de dentro

Lucca Tartaglia

Das madrugadas: um breve estudo sobre os livros da idade juvenil de Daniel Faria

Moisés Paim Fonseca

“Onde o ontem podia ser hoje”: a disposição cíclica do tempo em Uma Cidade com Muralha, de Daniel Faria

Paulo Cantalice

O percurso da poesia em Explicação da pedra enquanto lume, de Daniel Faria



Dia 22/06

Mesa 2

A palavra em seu gume: poesia portuguesa moderna e contemporânea

14h30

Sala B306 (CAD 2)

Raquel S. Madanêlo Souza

Entre cartas e dedicatórias: José Osório de Oliveira e os modernistas brasileiros

Luana Cota Drumond

A leitura de poesia brasileira por Sophia Andresen

Patrícia Chanely Silva Ricarte

Se tivéssemos música: a poesia como errância e como perda na lírica portuguesa contemporânea

Patrícia Resende Pereira

A lentidão da imagem, o coração vertiginoso: poesia e cinema no filme Carlos de Oliveira – Sobre o lado esquerdo

Mesa 3

Repetir dia após dia os mesmos gestos: Hélia Correia

16h

Sala B306 (CAD 2)

Mariana Pereira Guida

Os homens estão completamente sós: Notas sobre a Antígona de Sófocles em Hélia Correia e Hölderlin

Roberto Bezerra de Menezes

O que fazer com os poemas dispersos de Hélia Correia?

Silvana M. Pessôa de Oliveira

Apodera-te de mim: considerações sobre a ideia de amor na poesia e no teatro de Hélia Correia

MESA 1

QUE A MÃO ESCREVA NA LÍNGUA O QUE A LÍNGUA HÁ-DE CANTAR: DANIEL FARIA

O ensaio em questão investiga a obra de Daniel Faria, a partir da imagem recorrente da “pedra”, a qual indica parte dos procedimentos de escrita do poeta português. A ideia central do ensaio é de que seus poemas se inscrevem no lugar fechado das imagens, em um exercício exterior ao circuito dos signos compartilhados. São pensados, ainda, alguns aspectos trágicos do sujeito constituído nos poemas e a presença do corpo como elemento constitutivo da poesia.

Em Poesia (2012), edição organizada por Vera Vouga, a obra de Daniel Faria aparece dividida, basicamente, em duas grandes partes: 1) “Das manhãs - Livros da idade adulta”, contendo as obras Explicação das árvores e de outros animais (1998), Homens que são como lugares mal situados (1998) e Dos líquidos (2000); 2) “Das madrugadas - Livros da idade juvenil”, com Uma cidade com muralha (1992), Oxálida (1992) e A casa dos ceifeiros (1993). Neste trabalho, tendo em vista a pouca atenção crítica dedicada aos títulos de 1992 e 1993, talvez “em virtude da discreta divulgação”, objetiva-se refletir acerca dos “Livros da idade juvenil”, buscando compreender como o silêncio, enquanto expressão apofática final e força motriz da poética danielina, se apresenta nas primeiras publicações, oferecendo subsídios importantes - ainda que em fase germinal - para o estudo dos “Livros da idade adulta” e para a obra completa do autor.

*Uma pedra fechada pelo
lado de dentro*

Erick Gontijo Costa

*Das madrugadas: um breve estudo
sobre os livros da idade juvenil de
Daniel Faria*

Lucca Tartaglia

*“Onde o ontem podia ser hoje”:
a disposição cíclica do tempo em
Uma Cidade com Muralha, de
Daniel Faria*

Moisés Paim Fonseca

Depois de apresentar, logo no início do livro *Uma Cidade com Muralha* (1992), um episódio histórico – o cerco do Porto – segundo a perspectiva de Fernão Lopes, o poeta Daniel Faria desloca o sentido cronológico desse evento para outra perspectiva sequencial: o título do último poema – “(Hoje. Quase amanhã)” – retoma o do primeiro – “(Hoje)” –, engendrando uma espécie de rotação. É a narrativa de um cronista lida por um poeta, e nesse plano, as experiências humanas ganham contornos mais graves: as coisas, afinal, não principiam nem acabam, pois no círculo tudo é infinito, em todas as direções.

*O percurso da poesia em
Explicação da pedra enquanto
lume, de Daniel Faria*

Paulo Cantalice

O trabalho pretende ler uma seção do livro *Explicação das árvores e de outros animais*, em que Daniel Faria trata da apreensão estética como uma alternativa possível para uma vida composta essencialmente pela obscuridade. Para atingir tal objetivo, busca-se refletir sobre a metáfora da pedra, recorrente nesta poesia, a fim de explorar os seus múltiplos campos de significação.



MESA 2

A PALAVRA EM SEU GUME: POESIA PORTUGUESA MODERNA E CONTEMPORÂNEA

O escritor e jornalista português José Osório de Oliveira foi um importante divulgador da literatura brasileira da modernidade, em Portugal. Autor da primeira história da literatura brasileira produzida em terras lusitanas, realizou inúmeras palestras, no Brasil e em Portugal, elaborou antologias literárias, ensaios e livros sobre literatura e sociedade dos dois países. O objetivo deste estudo será refletir sobre as relações luso-brasileiras, por meio de algumas cartas e dedicatórias trocadas entre o intelectual português e alguns escritores brasileiros que fizeram parte de sua rede de sociabilidade.

*Entre cartas e dedicatórias:
José Osório de Oliveira e
os modernistas brasileiros*

Raquel S. Madanêlo Souza

Sophia de Mello Breyner Andresen, poeta portuguesa do século XX, construiu uma obra em conformidade com seu tempo, mas sem abandonar a tradição e as lições poéticas dos que escreveram antes de si. É com o legado cultural grego que Sophia mais evidentemente se relaciona, mas suas interlocuções passam por Shakespeare, por Fernando Pessoa e chegam à poesia brasileira, especialmente a modernista, que foi parte essencial do universo literário da portuguesa, como ela mesma declarou. João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Cecília Meireles e outros escritores foram lidos por Sophia e, de um modo que se discutirá nesta apresentação, ajudaram a formá-la como poeta.

*A leitura de poesia brasileira
por Sophia Andresen*

Luana Cota Drummond

*Se tivéssemos música: a poesia
como errância e como perda na
lírica portuguesa contemporânea*

Patrícia Chanely Silva Ricarte

A partir da leitura de poemas de Rui Pires Cabral, Manuel de Freitas e Luís Quintais, abordo, neste trabalho, a relação entre poesia e música. Para tanto, procuro me deter nos elementos que, em cada um desses poetas, dão relevo à historicidade desse diálogo, tão caro ao próprio conceito moderno de poesia. Trata-se, nessa perspectiva, de procurar compreender em que medida a referência à arte musical, tomada como deriva e como perda concebidas discursivamente, poderia revelar algo do *modus operandi* do sujeito poético contemporâneo frente à história da poesia na modernidade.

*A lentidão da imagem, o coração
vertiginoso: poesia e cinema no
filme Carlos de Oliveira – Sobre o
lado esquerdo*

Patrícia Resende Pereira

A proposta é discutir, a partir do média-metragem *Carlos de Oliveira – Sobre o lado esquerdo*, de 2007, a maneira como Manuel Gusmão, poeta e ensaísta, tem condições de expandir a escrita de Carlos de Oliveira. Manuel Gusmão, autor do argumento do filme ao lado da diretora Margarida Gil, é um dos principais estudiosos da obra do poeta português e, agora, tem na produção cinematográfica outro meio para continuar suas reflexões. Deve-se levar em consideração, ainda para este estudo, a publicação do livro de poemas *A terceira mão*, em que já se nota uma tentativa de expandir a escrita de Carlos de Oliveira. Assim sendo, para esta comunicação, a proposta é a de se estabelecer um diálogo entre Manuel Gusmão, seu trabalho como ensaísta e poeta, e a poesia de Carlos de Oliveira, levada para as telas por um especialista em sua obra.



MESA 3

REPETIR DIA APÓS DIA OS MESMOS GESTOS: HÉLIA CORREIA

Este texto propõe uma leitura da obra *Perdição - Exercício sobre Antígona*, de Hélia Correia em diálogo com os apontamentos sobre aspectos do trágico levantados por Friedrich Hölderlin nos ensaios “Observações sobre Édipo” e “Observações sobre Antígona”. Busca-se, com isso, reconhecer a forma como os conceitos de cesura e de afastamento categórico dos deuses apontam para a ideia de indignância, condição fundamental para a permanência da palavra poética, tanto em Holderlin quanto em Hélia Correia.

A fala procurará dar contorno a alguns poemas dispersos de Hélia Correia, publicados na revista *Telhados de vidro* e na coletânea *Quarto de Hóspedes*. Neles, encontramos um pensamento em torno da dança (“Otherwise” e “Pele II”), do amor (Quarto em Edimburgo), do factual afetivo (“Almofada de Andorinhas”) e da infância (“Alice e Pedro nos capuchos”), por exemplo. A partir disso, poderemos fazer o exercício comparativo de situar essa produção episódica com os livros de poesia da autora, *A pequena morte/Esse eterno canto* (em díptico com Jaime Rocha), *Apodera-te de mim* e *A terceira miséria*.

Os homens estão completamente sós: Notas sobre a Antígona de Sófocles em Hélia Correia e Hölderlin

Mariana Pereira Guida

O que fazer com os poemas dispersos de Hélia Correia?

Roberto Bezerra de Menezes

*Apodera-te de mim: considerações
sobre a ideia de amor na poesia e
no teatro de Hélia Correia*

Silvana M. Pessôa de Oliveira

O objetivo da comunicação é refletir sobre a ideia de amor presente no livro de poemas *Apodera-te de mim*, de Hélia Correia, fazendo-o dialogar com a obra dramática da referida autora, especialmente nas peças *Desmesura* - Exercício sobre Medeia e *Perdição* - Exercício sobre Antígona. Para atingir o objetivo proposto, os diálogos platônicos *O banquete* e *Fedro* serão utilizados como o principal suporte teórico.





Apaga-me os olhos; inda posso ver-te,
tranca-me os ouvidos: inda posso ouvir-te,
e sem pés posso ainda ir para ti,
e sem boca posso inda invocar-te.
Quebra-me os braços, e posso apertar-te
com o coração como com a mão,
tapa-me o coração, e o cérebro baterá,
e se me deitares fogo ao cérebro
hei-de continuar a trazer-te no sangue.

Rainer Maria Rilke
(tradução de Paulo Quintela)

VII Jornada de Estudos em Poesia Portuguesa Moderna e Contemporânea

Realização

Centro de Estudos Portugueses — CESP da FALE/UFMG
Polo de Pesquisa em Poesia Portuguesa Moderna e Contemporânea

Organização

Silvana Maria Pessôa de Oliveira
Roberto Bezerra de Menezes

Contato

www.polopesquisapoesia.wordpress.com
polopesquisapoesia@gmail.com

Imagens

CHAFES, Rui. *Harmonia*. Porto: Canvas & Companhia, 1998.
CHAFES, Rui. *Würzburg Bolton Landing*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1995.

Arte e Editoração

Roberto Bezerra de Menezes

Revisão

Roberto Bezerra de Menezes
Silvana Maria Pessôa de Oliveira

Realização:

CESP
Centro de Estudos
Portugueses - UFMG



FALE
FACULDADE
DE LETRAS

UFMG
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS